

## Bichos

**Veterinárias e tutoras explicam como o humor, a rotina e até o excesso de carinho podem afetar o comportamento e o bem-estar emocional dos animais domésticos**

POR GIOVANNA KUNZ

**M**udanças bruscas de rotina, excesso de carinho e comunicação contraditória estão entre os principais fatores que afetam o bem-estar emocional dos animais domésticos. Apesar de o estresse e a ansiedade serem comuns entre os pets, os responsáveis por eles nem sempre percebem.

Quando Mariana Yumi Kobayashi, 39 anos, diz que é uma pessoa ansiosa, ela não está falando só de si mesma. “Como eu sou ansiosa, as duas são ansiosas”, afirma a funcionária pública de Brasília, referindo-se às cachorras Megan e Zoey. “Mesmo quando acho que estou bem, vejo no jeito delas que a minha ansiedade influenciou no comportamento ou talvez na personalidade delas.”

A percepção de Mariana não é exagero nem projeção. Segundo especialistas em comportamento animal, os pets são capazes de captar alterações emocionais nos seres humanos com quem convivem e reagir a elas de formas que vão muito além do que a maioria dos responsáveis imagina.

“Os animais são extremamente sensíveis às mudanças de linguagem corporal, tom de voz, padrões de interação e até mesmo às alterações hormonais associadas ao estresse humano”, explica Caroline Pollini, médica veterinária e professora da Universidade Católica de Brasília. Clinicamente, diz ela, isso pode se manifestar como hipervigilância, comportamentos compulsivos, alterações gastrointestinais, dermatites por lambedura em excesso e ansiedade de separação.

A professora Veridiane da Rosa Gomes, do curso de medicina veterinária do Centro Universitário Uniceplac, reforça: “Em alguns casos, o animal funciona quase como um espelho emocional da casa.”

Entre os comportamentos mais comuns que afetam negativamente os pets, as duas veterinárias apontam a imprevisibilidade. Mudanças bruscas de rotina, punições inconsistentes e comunicação contraditória, quando o responsável permite um comportamento num dia e repreende no outro, são gatilhos frequentes de estresse. “Isso gera insegurança e aumenta muito o estresse comportamental”, afirma Veridiane. “O animal precisa conseguir prever minimamente sono, alimentação, passeios, descanso e interação social.”



# Estresse em quatro patas (e duas também)

Caroline Pollini acrescenta que o excesso de estímulos também pesa. Televisão alta, visitas frequentes, manipulação contínua e interrupção do sono deixam muitos animais em estado de alerta constante. “Você o estimula a pular e, de repente, briga porque ele pulou. Isso gera insegurança e pode favorecer ansiedade, vocalização excessiva, comportamento destrutivo e até alterações fisiológicas.”

Mariana admite que é “muito grudenta” e que essa característica nem sempre foi bem recebida. “Sei que

os animais não gostam de ser abraçados, que alguns toleram porque percebem que o dono fica feliz.” Ela conta que Niki, cadela que morreu recentemente, não gostava de abraços. Mas, no final da vida, passou a permitir. “Como se ela soubesse que não teríamos muito tempo juntas e que deveria me dar esse carinho.”

Esse tipo de superestimulação, movida por afeto genuíno, mas sem respeitar os limites do animal, é um problema mais comum do que parece. “Muitos responsáveis acreditam que amor significa interação constante, mas vários animais precisam também de